

Movimento pede austeridade

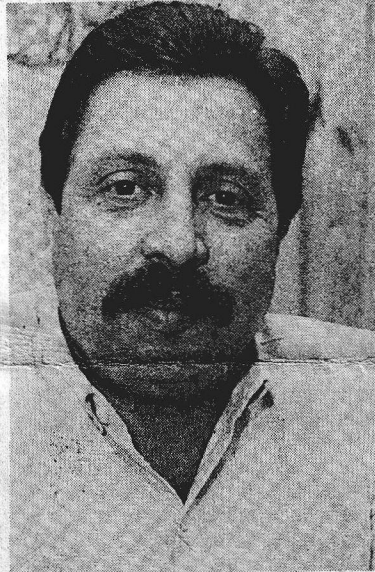
ISABEL DIAS DE AGUIAR

Mais um movimento contra a inflação e a favor da austeridade no setor público está sendo criado em São Paulo. Cerca de 70 empresários reuniram-se ontem durante um almoço no Hotel Crowne Plaza, aprovaram um manifesto, a ser publicado nos grandes jornais, por meio do qual qualificaram a inflação como estelionato e se propuseram a buscar novas adesões.

"Dentro de dez dias seremos pelo menos 700", afirmou o advogado Thomas Felsberg, um dos organizadores do movimento que pretende juntar-se a outros grupos organizados e somar esforços para cobrar uma atuação mais dura da classe política para o equilíbrio das contas públicas. "Qualquer plano é bom, desde que seja aplicado", comentou, ressaltando, porém, que não é a favor de choques, nem pacotes. O movimento é democrático, segundo ele, e pretende "pegar a classe política pelo voto".

O jurista Ives Gandra Martins, presidente da Academia Internacional de Direito Econômico, aderiu ao movimento por influência de seu colega na entidade Hamilton Dias de Souza. Gandra acredita que cabe à sociedade pressionar a classe política para acabar com o descontrole das contas públicas e eliminar a expectativa e a cultura inflacionária. Para o jurista, a inflação é doença monetária que só será combatida com a independência do Banco Central. Segundo Gandra, os técnicos do BC dedicam apenas 5% de seu tempo ao controle da moeda e o restante de seu tempo à fiscalização das instituições fi-

Silvio Ricardo Ribeiro/AE



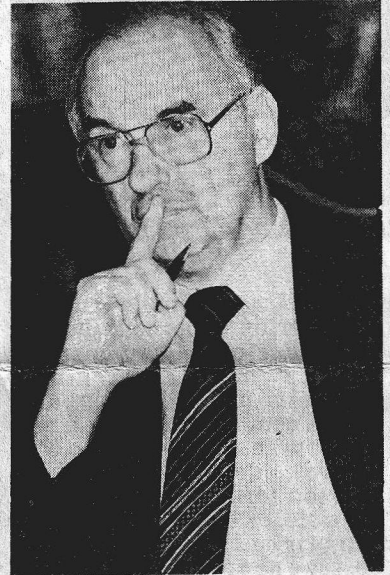
Sulzbacher

Saída são manifestações populares

nanceiras.

Gandra e os demais integrantes da Academia, entre os quais os economistas Carlos Brandão e Paulo Rabello de Castro, propõem a criação de uma autarquia para exercer a fiscalização do sistema financeiro, o que levou à reação contrária dos funcionários do BC. "A Alemanha, em 1923, estirpou a hiperinflação e tornou sua moeda mais forte que o franco francês em 24 meses, assim que tornou seu Banco Central autônomo", afirmou o jurista. Para ele, a dívida interna não é problema, pois corresponde a 25% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto que na maioria dos países desenvolvidos corresponde a 100% do PIB. "Falta

Protásio Nene/AE



Gandra Martins

Autarquia deve fiscalizar o BC

ao Brasil apenas credibilidade", comentou.

Esta também é a opinião do coordenador do Departamento de Shoppings da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Raul Sulzbacher, que aderiu ao movimento porque acredita que só a manifestação popular fará com que o governo e a classe política adotem medidas adequadas para o combate à inflação. O ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nobrega, que participou do almoço de ontem é menos otimista. Para ele, não adianta cobrar austeridade do setor público que está "amarrado a uma Constituição que prevê gastos superiores